

ESTILO E ARGUMENTAÇÃO EM “DOENTE DE BRASIL”, DE ELIANE BRUM

Miriam Bauab PUZZO

Universidade de Taubaté -UNITAU

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o estilo como forma de resposta ao contexto brasileiro político em 2019 no artigo de opinião, assim como posicionamento axiológico autoral. Para cumprir essa proposta, foi adotada a teoria discursiva bakhtiniana sustentando a análise a partir dos conceitos de estilo e argumentação. No artigo *Doente de Brasil* de Eliane Brum, publicado no jornal *EL País* em 02 de agosto de 2019, os argumentos e o estilo da autora expressam seu posicionamento axiológico diante da situação político-econômica vivenciada pela população. A análise demonstra que seu tom difere do de suas reportagens em virtude de sua responsabilidade em relação ao contexto político-econômico conturbado vivenciado pela população brasileira.

Palavras-chave: estilo; artigo de opinião; posicionamento axiológico; argumentação

STYLE AND ARGUMENTATION IN “DOENTE DE BRASIL”, BY ELIANE BRUM

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze style as a way of responding to the Brazilian political context in 2019 in the opinion article, as well as authorial axiological positioning. To fulfill this proposal, the Bakhtinian discursive theory was adopted, supporting the analysis from the concepts of style and argumentation. In the article “Doente de Brasil” by Eliane Brum, published in the newspaper *EL País* on August 2, 2019, the author's arguments and style express her axiological position in the face of the political-economic situation experienced by the population. The analysis shows that her tone differs from other works due to her responsibility in relation to the troubled political-economic context experienced by the Brazilian population.

Keywords: style; opinion article; axiological positioning; argumentation

ESTILO Y ARGUMENTACIÓN EN “DOENTE DE BRASIL”, DE ELIANE BRUM

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar el estilo como una forma de responder al contexto político brasileño en 2019 en el artículo de opinión, así como el posicionamiento axiológico autoral. Para cumplir con esta propuesta se adoptó la teoría discursiva de Bakhtin, sustentando el análisis a partir de los conceptos de estilo y argumentación. En el artículo “Doente de Brasil” de Eliane Brum, publicado en el diario *El País* el 2 de agosto de 2019, los argumentos y el estilo de la autora expresan su posición axiológica frente a la situación político-económica

que vive la población. El análisis muestra que su tono difiere del de sus informes debido a su respuesta al conflictivo contexto político-económico vivido por la población brasileña.

Palabras clave: estilo; artículo de opinión; posicionamiento axiológico; argumentación

INTRODUÇÃO

Os problemas sociais vivenciados no Brasil de hoje têm motivado ensaios, artigos, crônicas, charges entre outros tipos de enunciados que discutem a situação atual, decorrente da pandemia do Coronavírus e da política instituída pelo presidente eleito em 2018. Embora o artigo *Doente de Brasil* de Eliane Brum, datado de agosto de 2019, portanto publicado antes da pandemia, exponha questões anteriores à contaminação da população pelo Coronavírus, ainda é atual porque tornou mais dramática a situação do país após a emergência do vírus.

Os embates decorrentes da posse do novo presidente da república, após conturbada eleição caracterizada pela polarização, que se manifestaram nas redes sociais, ainda persiste de modo radical no contexto social e no espaço privado das relações familiares, como comenta Pablo Fernando Dumer (2019) em seu artigo *Doente de Brasil: uma análise tillichiana da situação atual no Brasil*. Portanto, apesar de anteceder a emergência do vírus, o artigo ainda expressa os conflitos e problemas potencializados pela crise, tornando-se material consistente para analisar os argumentos e o estilo de Brum. Eles revelam seu posicionamento axiológico que se manifesta no estilo do artigo. Isto porque, como gênero da esfera jornalística, o artigo é permeável à manifestação do autor, apresentando variações múltiplas em função do tema e de propostas comunicativas autorais. Assim, os artigos e reportagens de Eliane Brum exploram essa possibilidade, o que torna seus textos significativos ao adotar uma linguagem expressiva diferenciada, expondo seu posicionamento valorativo em cada uma dessas modalidades jornalísticas.

Para explicitar essa questão, a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e do Círculo esclarece a concepção de estilo, permitindo entender as relações sociais e os conflitos decorrentes dos embates valorativos enfrentados pelos enunciadore e expressos pela linguagem. Os conceitos de estilo, tom valorativo e signo ideológico permitem observar como tais conceitos se concretizam na materialidade discursiva, caracterizando uma maneira de argumentar, o que propicia uma reflexão mais incisiva aos possíveis leitores.

Tendo em vista essa peculiaridade, o presente texto procura discutir o estilo genérico e individual da linguagem, assim como os argumentos agenciados que expressam o tom incisivo adotado pela repórter, contrastando com suas breves reportagens. O artigo está organizado a partir das informações iniciais sobre Eliane Brum, seu estilo e sua potência argumentativa, a seguir discute-se a teoria e, por fim, a análise do artigo em pauta, com o intuito de demonstrar sua entonação e sua argumentação de força persuasiva.

1. ELIANE BRUM E SEU POSICIONAMENTO VALORATIVO

Eliane Brum notabilizou-se no cenário público brasileiro pelas suas histórias de vida reais caracterizadas pela singularidade de seu estilo. Desde as reportagens mais antigas publicadas em livros como *Coluna Prestes - o Averso da Lenda* (1994), *O Olho da Rua* (2000), até as breves reportagens publicadas no jornal *Zero Hora*, coletadas no livro *A vida que ninguém vê* (2006), Brum demonstra um compromisso ético com a informação sem, contudo, se limitar a reportar os fatos apenas. Seu estilo não se reduz somente à expressão linguística, pois se aproxima dos seres e dos fatos que relata, tentando captar nos pormenores observados em suas ações, assim como as impressões e os sentimentos vivenciados em sua realidade cotidiana.

Um bom exemplo de seu estilo são as breves histórias de *A vida que ninguém vê* cujas personagens são seres humanos em sua realidade concreta. Em sua maioria, esses seres enfrentam as dificuldades de convivência e de integração à sociedade porto-alegrense sob a ótica empática da repórter. Seu olhar perspicaz e seu estilo expressivo envolvem o leitor no drama de cada um deles, narrando os desafios a que são submetidos em reportagens que se assemelham a crônicas.

O compromisso profissional evidenciado não apenas nessas reportagens, mas em seus textos em geral, vincula-se a um posicionamento ativo diante do contexto social, cumprindo o papel de observadora atenta e de ser humano solidário ao sofrimento do outro. Portanto, ao relatar os problemas vivenciados por seres anônimos, não representativos na escala social, seu estilo encontra-se afinado com o sofrimento relatado, por meio de expressões afetivas, tais como diminutivos, palavras típicas de cada um dos retratados, discurso indireto livre, evidenciando a identificação autor/personagem de modo mais próximo.

Ao redigir um artigo de teor político, observa-se na materialidade linguística a mudança de tom, com auxílio de novos expedientes linguísticos. Tal flexibilidade expressiva apresenta argumentos concretos para conduzir o leitor, de forma a obter sua adesão pelo viés argumentativo. Desse modo, a repórter cria, nesse espaço, uma imagem de si referente a seu papel de jornalista opinativa, diferindo de sua imagem como repórter de situações sociais vivenciadas por personagens invisíveis aos olhos da grande imprensa, momento em que seu tom se torna mais lírico, pela escolha de imagens expressivas e pela aproximação afetiva autor/personagens. Para entender esse processo discursivo autoral, recorre-se à teoria dialógica bakhtiniana com o intuito de analisar a linguagem em função da concepção de sujeito, de estilo e de posicionamento valorativo do autor diante dos temas tratados em enunciados autorais.

2.DISSCUSSÃO TEÓRICA: ESTILO E RESPONSABILIDADE

A mudança de perspectiva na concepção de língua/linguagem proposta por Bakhtin (2016) e Volóchinov (2019) possibilita novos enfoques no que tange ao estudo dos enunciados concretos que circulam em todas as esferas de comunicação. Ao abandonar a concepção exclusivamente linguística circunscrita apenas à forma, ou à inspiração subjetiva, a língua passou a ser entendida em sua realidade dinâmica na cadeia discursiva. Nessa perspectiva, concebe-se o enunciado como uma resposta a outros enunciados, aguardando também uma atitude responsiva do destinatário para sua conclusão. Sendo assim, ampliam-se as possibilidades de respostas, sejam elas de concordância, oposição, refutação, aplauso ou condenação, entre outras, pelos mais variados destinatários, ainda que não sejam oralmente verbalizadas. Logo, ao conceber essa relação, Bakhtin (2016) e Volóchinov (2019) pensam no fio de tensão que se estabelece entre os enunciados sejam eles de várias esferas e propostas, promovendo atitudes responsivas em função dessa interatividade mobilizadora do dinamismo discursivo contínuo. Acompanhando as palavras de Volóchinov (2017, p. 232) *“Toda compreensão é dialógica. [...] A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante”* (grifos do autor). Entretanto, o enunciador expressa seu posicionamento de modo a conduzir respostas esperadas, tendo em vista o leitor presumido de sua comunicação.

Dessa forma, sem adentrar no âmbito da teoria retórica, a análise dialógica da linguagem permite identificar na materialidade linguística o tom valorativo do enunciador. Segundo Maingueneau (2005), tal capacidade expressiva da linguagem expõe a vocalidade enunciativa

identificando a presença da corporalidade autoral, aí concretizada. Tal concepção encontra-se atrelada à característica de tom valorativo discutido por Bakhtin e pelo Círculo na especificação do conceito de gênero discursivo. Para esses pesquisadores, uma das características fundamentais na elaboração genérica é a relação que se estabelece entre o autor e o “auditório social” a que sua proposta comunicativa se destina. Sob essa perspectiva, é possível identificar o tom valorativo expresso na materialidade linguística constitutiva dos diversos enunciados.

Nesse sentido, essa relação em sintonia com o tema desenvolvido pelo autor expressa-se no estilo adotado em cada momento de comunicação. A linguagem, desse modo, pode ser comparada a um material dúctil na elaboração enunciativa, apresentando argumentos articulados com a proposta e o objetivo autoral de cada unidade temática. Sob esse prisma, o enunciado permite expressar o tom valorativo do autor em situações comunicativas diferentes, transformando-o em argumento de adesão, refutação, negação... Portanto, o gênero em que o autor se expressa, assim como a esfera de produção, circulação e recepção possibilita ao enunciador desenvolver uma tonalidade vocal, impressa na linguagem, cuja peculiaridade é imposta pelo tema, pelo público destinatário e pelo veículo de circulação. Desse modo, o estilo do autor apresenta variações expressivas com o intuito de criar efeitos dialogais com o leitor e, no caso do artigo opinativo, promover sua reflexão e conseqüente adesão.

Nessa concepção de enunciado e de gênero discursivo, Bakhtin (2016) ampliou as possibilidades de observar a linguagem em seu dinamismo vivo e propiciou uma noção mais complexa do que seja a língua, o enunciado concreto e as relações sociais que evidenciam. Tal movimento dinâmico na formulação enunciativa é conseqüência de sua concepção de sujeito, distanciando-se da visão dicotômica espiritualista. Na concepção monista e materialista do Círculo, o sujeito constituído pela linguagem comunica-se em sintonia com o contexto imediato, evidenciando peculiaridades circunscritas na materialidade linguística, reveladoras de posicionamentos éticos e estéticos diante dos fatos reportados nos mais diferentes gêneros.

Em um de seus primeiros ensaios escritos na década de 1920, *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), opondo-se à concepção racionalista de um sujeito isento, distante como observador e intérprete dos fatos vivenciados, Bakhtin entende que o sujeito é sempre responsável, tanto pelos seus atos quanto pelo que expressa, ainda que não tenha essa percepção clara. Como afirma:

O momento da atuação do pensamento, do sentimento, da palavra, de uma ação, é precisamente uma disposição minha ativamente responsável – emotivo-volitiva em relação à situação na sua totalidade, no contexto de minha vida unitária e singular. (BAKHTIN, 2010, p. 92).

Essa relação dialógica da linguagem, responsável pelas diversas formas de representação do discurso, expõe as peculiaridades do sujeito/autor em função de posicionamentos axiológicos e valorativos, considerando seu lugar situado e seu momento sócio-histórico. **Portanto**, o estilo autoral evidencia-se na irrepetibilidade de cada evento enunciativo. O estilo neste caso específico de um artigo deixa entrever, de modo mais contundente, o posicionamento axiológico do sujeito num momento específico de sua enunciação e de sua proposta comunicativa. Embora esse gênero não tenha um objetivo artístico-literário, pela sua flexibilidade composicional, aproxima-se da literatura pelos artifícios expressivos. Como afirma **Ponzio (2008)**:

A literatura é a experiência por meio da qual a linguagem descobre sua ambiguidade. Uma ambiguidade que nela é essencial. Com as próprias inquietudes, divisões e contradições, a linguagem literária não faz nada mais que expressar o ser da linguagem (p.197).

Sob esse enfoque, os atos humanos, assim como sua manifestação linguística em enunciados mais permeáveis à expressividade enunciativa, ainda que não sejam literários, evidenciam o posicionamento valorativo do sujeito, seu lugar situado no contexto social e seu posicionamento ético diante desse contexto. Por essa concepção, justifica-se a irrepetibilidade dos enunciados concretos. Em cada momento, em cada contexto em que o enunciador se encontra, sua reação e suas respostas entram em relação com o outro, ao qual responde, expressando seu posicionamento axiológico diante de situações vitais concretas. Em seu ensaio de 1926 *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019), Volóchinov discute a peculiaridade de cada enunciado e de sua irrepetibilidade, em função da dinâmica vital, afetando tanto o enunciador quanto o destinatário situado em novo contexto. Essa forma de compreensão do estilo, comum aos integrantes do Círculo também se opõe à concepção idealista do sujeito constituído pela relação dual entre corpo e espírito, cujo estilo se manifesta como uma inspiração original advinda de uma realidade espiritual peculiar de cada autor. O estilo seria revelador do homem individual.

Esse é um fator preponderante na diferenciação entre as duas perspectivas, a dialógica e a espiritualista. A oposição demarcada pelo Círculo tanto ao racionalismo objetivo quanto à

idealização espiritual na concepção de língua/linguagem, privilegia o ser social constituído pelas relações tensas que estabelece com seu contexto imediato ao qual responde, expressando essa relação por meio da linguagem e de seu estilo. Desse modo, coloca em evidência seu posicionamento axiológico marcado pelo tom valorativo que se manifesta no enunciado.

Assim, tal posicionamento apresenta-se refratado, na expressividade do autor/criador, que se arma de artifícios como uma *máscara* para desempenhar um papel representativo no momento de sua produção. Essa peculiaridade assumida na concretização enunciativa de um enunciado opinativo exige do autor o distanciamento exotópico¹, para que ele consiga desenvolver satisfatoriamente seu projeto comunicativo.

Desse modo, em cada instância de produção de enunciados concretos, o autor/criador encena um tom discursivo adequado a sua proposta, concretizando uma imagem que expresse seu posicionamento de acordo com o tema que desenvolve. Assim, demonstra na materialidade constitutiva do enunciado seu compromisso autoral ético/estético pelo qual se responsabiliza.

Nessa perspectiva, o ser humano encontra-se irremediavelmente circunscrito a seus atos pelos quais responde. Nas palavras de Bakhtin:

É apenas o não-álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável real (através da referência emotivo-volitiva a mim como aquele que é ativo). É o fato vivo de um ato primordial ao ato responsável, e a criá-lo juntamente com seu peso real e sua obrigatoriedade; ele é o fundamento da vida como ato, porque ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade. (BAKHTIN, 2010, p.99)

Ao discutir essa perspectiva bakhtiniana relacionada ao sujeito como um agente atuante no contexto social e, como consequência, em suas produções enunciativas, Sobral (2009, p. 124) pontua:

Assim, a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido, a partir do mundo dado, o mundo enquanto materialidade

¹ A exotopia representa para Bakhtin (2003) o distanciamento necessário do autor pessoa para a realização de sua atividade estética. Como estética entende-se toda forma de elaboração expressiva na composição enunciativa, como um segundo momento após a empatia com o objeto temático (seja ele literário ou não).

concreta. A ideia do “vivido” aí presente destaca a presença necessária do agente, o sujeito que vive o ato, e do contexto material em que o ato é vivido.

Considerando esse processo atuante sobre o sujeito enunciador, como um ser ativo e respondente, é possível observar a variação responsiva que redundava em peculiaridades expressivas de um mesmo sujeito, afetado pelo contexto, pelos possíveis interlocutores e pela esfera de circulação de seu enunciado. De acordo com as reflexões de Sobral (2009, p. 124) sobre a questão do sujeito como agente, na perspectiva de Bakhtin, a responsabilidade do agir em sua atividade respondente exige um posicionamento exotópico pela situação mesma de visão plena do outro:

O sujeito não é “fantoche” das relações sociais, mas um agente responsável por seus atos e responsivo ao outro, como alguém dotado de um “excedente de visão”, a capacidade de saber sobre o outro o que este não pode saber. Mas ao tempo depende do outro para saber o que ele mesmo não pode saber sobre si (SOBRAL, 2009, p. 124).

Dessa forma, não é possível entender um enunciado sem considerar essas questões que justificam a análise do estilo em função das relações entre o enunciador, o destinatário, o momento vivido e o tema de sua proposta comunicativa. A partir da própria concepção de linguagem concretizada pelos signos ideológicos, pelos quais o sujeito se expressa, Volóchinov descarta a concepção de signo puro, aquele que se encontra cristalizado nos dicionários, para caracterizá-lo em sua complexidade constitutiva valorativa. Em suas palavras, o signo em si é um componente material de existência própria:

O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94)

Entretanto, o signo incorpora as experiências vivenciadas pelos sujeitos no contexto social, expressando sentidos e valores múltiplos, como é o caso das expressões verbais e da riqueza semântica que as constitui. Desse modo, o signo não é neutro, pois expressa valores, posicionamentos axiológicos de cada enunciador em função de seu lugar situado, de sua crença, de seu grupo social.

Com essa percepção ideológica, Volóchinov mostra como a ideologia nos constitui sem que seja explicitamente expressa.

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95)

A visão de signo ideológico, nessa perspectiva, desloca a concepção de ideologia como abstração ao assumir a relação entre a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano, responsável pela mobilização de sentido, pois o signo ideológico nessa perspectiva reflete e refrata a realidade. Portanto a língua, como meio de expressão viva do sujeito, acompanha esse processo dinâmico, assim como os diversos gêneros em seu estilo genérico e individual. Em função de sua proposta enunciativa, do horizonte social do público e do contexto imediato, o enunciador molda seu discurso por meio dos recursos expressivos imprimindo seu tom valorativo. O estilo entendido dessa forma amplia as possibilidades de percepção do posicionamento situado do autor/sujeito e dos recursos agenciados com a finalidade de afetar o destinatário e promover sua resposta ativa.

Nessa perspectiva, o artigo de opinião de Brum, publicado em um jornal estrangeiro, de ampla difusão, que circula no Brasil vertido em português, evidencia o lugar de fala de um sujeito compromissado com a realidade do país, expondo-a ao conhecimento público. Sob esse aspecto, muda de tom em relação às narrativas de personagens reais marginalizadas no contexto político/econômico, cujo tom expressa a empatia da repórter com o sofrimento daqueles seres retratados de modo a criar a adesão do leitor. Opondo-se ao estilo mais afetivo em que a personagem real cria vida, o artigo de opinião ganha força pelos recursos agenciados em sua elaboração numa linguagem mais incisiva. Por sua vez, a imagem da repórter no artigo de opinião apresenta uma nova peculiaridade ao leitor de suas breves reportagens. É um aspecto de sua subjetividade que emerge no artigo, delineando seu posicionamento diante do contexto sócio-político-econômico do país, dirigido por um presidente preocupado apenas com reformas, que penaliza a população assalariada, que libera a compra de armas pelo povo, que dá as costas à Cultura, à Pesquisa e à Educação. Sob esse enfoque, discutimos a imagem da repórter

representada nesse artigo, aproveitando alguns conceitos da teoria do *ethos*, na perspectiva de Amossy (2005) em sua relação com a concepção de sujeito bakhtiniano.

3. IMAGEM AUTORAL E *ETHOS*

Na perspectiva de Amossy (2005), a imagem representada pelo enunciador é criada a partir do conceito de *Ethos* que tem acompanhado ao longo do tempo a concepção de linguagem e da presença autoral no discurso. Tal conceito faz parte da teoria da retórica e foi discutido desde a antiguidade grega. Embora, não seja o objetivo desta pesquisa tratar especificamente do *Ethos* nessa perspectiva, ela é importante como força argumentativa. Segundo Aristóteles, constitui uma das provas fundamentais das três que constituem a capacidade persuasiva do discurso (AMOSSY, 2005, p.29). Tal peculiaridade não é explicitamente evidenciada no discurso, mas é o espaço em que ele se constitui e pode ser evidenciado pelas escolhas expressivas efetuadas pelo enunciador. Portanto, é no modo de se expressar que o *Ethos* autoral pode ser identificado nos diversos gêneros discursivos em função do lugar e do posicionamento axiológico do sujeito diante do contexto social imediato. Por outro lado, na perspectiva dialógica, o enunciado só se concretiza pela relação do enunciador com seu interlocutor ou seu público. De acordo com Volóchinov (2017, p. 205):

Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor.

De acordo com o Círculo, é dessa relação que o enunciado se constrói e é a partir da proposta de comunicação e do veículo de divulgação que a imagem do enunciador se delinea na materialidade expressiva de seu enunciado. Portanto, discutir a materialidade expressiva e os recursos agenciados no artigo de opinião de Brum, pode elucidar um aspecto mais incisivo de seu tom valorativo, criando uma imagem diversa daquela que suas breves reportagens deixam entrever. Sob esse aspecto, a imagem do autor/enunciador ganha novos enfoques em função dessa dinâmica própria da linguagem.

Ao tratar no artigo *Doente de Brasil* de um momento político/econômico conturbado pela mudança de governo no país, com propostas divergentes dos governos anteriores, seu estilo expressa seu tom de revolta diante das condições dramáticas vividas pela população do país. O

posicionamento agressivo e indiferente do governante, ao propor ações visando apenas resultados econômicos, afeta de modo contundente a população do país à revelia de suas necessidades reais. Além disso, o estímulo presidencial para a violência e a intolerância no convívio com a diversidade humana coloca em risco a segurança da população, principalmente pela liberação do uso de armas. Assim, o impacto no humor e no ânimo dos trabalhadores, intelectuais, professores, pesquisadores é destacado pela autora.

Dessa forma, o título antecipa ou sintetiza o tema do adoecimento da população exposta às condições de incerteza e de insegurança social que provocam o medo e a ansiedade. Na composição desse artigo, a repórter entrevista profissionais da área da saúde, cujas opiniões vão sendo inseridas de modo articulado com os comentários da autora, compondo um todo coerente, consistente e persuasivo.

O fato de escrever a um público de natureza mais intelectual, crítico e ativo de um jornal que circula tanto no Brasil como no exterior, dá à jornalista condições de expor de modo incisivo a situação vivenciada pela população brasileira. Para concretizar sua proposta temática, Brum entrevista médicos e especialistas que congrega para dar confiabilidade aos argumentos discutidos. Além disso, os recursos expressivos e figurativos explorados no texto explicitam de modo mais vivo o posicionamento axiológico da enunciativa de natureza persuasiva.

Na perspectiva bakhtiniana, o fundo aperceptível do discurso autoral pelo destinatário determina, além da escolha do gênero e sua forma de composição, o *estilo* do enunciado. É nessa relação intrínseca autor/destinatário/contexto social em que o gênero e o estilo se configuram, e que o artigo se concretiza, no agenciamento de argumentos próprios do gênero.

Dentre os diversos recursos agenciados para dar credibilidade a esses argumentos estão as vozes de representantes autorizados como o psiquiatra Fernando Tenório que atuou na rede pública de saúde mental do Rio de Janeiro e que atende trabalhadores de um sindicato do 18 setor hoteleiro em seu consultório na capital fluminense. Também entrevista um psicanalista de São Paulo que não se identifica; o médico psicanalista Mário Corso, professor de psicanálise da USP; outro professor de psicanálise da Universidade de São Paulo, Rinaldo Voltolini. Portanto, o tema que organiza o artigo e está no título serve de articulador argumentativo na unicidade enunciativa. Como a jornalista argumenta, recorrendo a depoimentos de especialistas e de outros tipos de profissionais, os sintomas doentios não se reduzem aos psíquicos, mas se

manifestam em sintomas físicos. Apresenta, como exemplo, o desabafo de um cardiologista que se encontrava “exausto”, porque a maior parte de seus pacientes atuais, reclamavam de problemas que não eram cardíacos, mas eram decorrentes de ansiedade ou de depressão.

Além disso, os fatos reportados, referentes a ações do governo, entre eles a aprovação de 290 agrotóxicos; a aliança com grupos criminosos: milícias, desmatadores, grileiros na Amazônia; a índole violenta do Presidente; o autoritarismo; os relatos mentirosos, expõem a situação dramática em que se encontra o país. Todas as conquistas sociais efetivas que beneficiavam a população em geral foram sendo minadas por novas medidas que suprimem as garantias individuais de manifestação, de escolhas referentes à vida privada, como a escolha de gênero sexual. Tais garantias foram substituídas por ações aleatórias, privilegiando a exploração ambiental e a perseguição indiscriminada da população carente, abandonada à própria sorte.

As atitudes governamentais são expressas por imagens significativas, explorando metáforas, como a que identifica o posicionamento do presidente: “(Bolsonaro) mantém os dentes (temporariamente, pelo menos) longe de quem é do seu sangue ou de quem abana o rabo para as suas ideias” (BRUM, 2019). Observa-se nessa metáfora a aproximação do ser humano com as atitudes próprias de predadores como em “mantém os dentes” e “abana o rabo” para enfatizar o comportamento agressivo e violento adotado pelo representante do governo, quando se confronta com cidadãos que não se encontram em seu meio familiar ou social. Também acentua a natureza violenta e enganadora dos atos praticados pelo governo, tais como: aliança com grupos criminosos, “como faz com desmatadores e grileiros na Amazônia” (BRUM, 2019), assim como as informações enganosas difundidas pelas redes sociais. Como atesta Brum:

Submetidos a um cotidiano dominado pela autoverdade, fenômeno que converte a verdade numa escolha pessoal, e portanto destrói a possibilidade da verdade, os brasileiros têm adoecido. Adoecimento mental, que resulta também em queda de imunidade e sintomas físicos, já que o corpo é um só (BRUM, 2019).

O repertório semântico mais ameno pelo emprego de expressões ternas e líricas é substituído por termos mais agressivos para enfatizar o caráter de uma personalidade movida por sentimentos desagregadores como o ódio difundido contra aqueles que não comungam de

suas ideias destrutivas. Expressões contundentes como “[Jair Bolsonaro](#) é um perverso”; “Bolsonaro é um mentiroso”; caracterizam o tom adotado no artigo.

Brum retoma termos e expressões usados pelos entrevistados nos discursos citados, entre eles “trabalho de merda” e “doente de Brasil”, articulando-os a suas avaliações, por exemplo à afirmação do psiquiatra “o Brasil é tóxico”, Brum completa essa afirmação com suas considerações de que essa peculiaridade do país se deve além do fato de a população não conseguir respirar, pela poluição ambiental, também é creditada à aplicação de agrotóxicos na lavoura, cuja compra foi acelerada por Bolsonaro. Assim completa:

“Tóxico” é palavra de uso frequente de brasileiros ao relatarem o sentimento de viver em um país onde já não conseguem respirar. Na constatação de que o governo Bolsonaro já aprovou 290 agrotóxicos em apenas sete meses, o envenenamento ganha uma outra camada. É como se os corpos fossem um objeto atacado por todos os lados. País que ultrapassou a possibilidade das metáforas, a toxicidade do Brasil abrange todas as acepções (BRUM, 2019).

Entre os problemas que afetam a população, Brum responsabiliza a difusão de sentimentos violentos de oposição ideológica, difundindo o ódio, a segregação e a divisão dos membros familiares, provocando o adoecimento psíquico generalizado:

O rompimento dos laços, como a divisão das famílias provocada pela polarização política, tornou as pessoas ainda mais sujeitas ao adoecimento mental e com menos ferramentas para lidar com ele. Como disse um filósofo, ninguém deixa de dormir porque está tendo uma guerra no outro lado do mundo, com exceção daqueles que vivem a guerra (BRUM, 2019).

Essa questão anunciada no título, tematizada no texto é corroborada pelos depoimentos dos entrevistados. Todos eles enfatizam a doença como um índice do descontentamento e da falta de solução para os problemas sociais e econômicos enfrentados pelas classes trabalhadoras. Como pontua:

O fenômeno começou a ser notado nos consultórios nos últimos anos de polarização política, que dividiu famílias, destruiu amizades e corroe as relações em todos os espaços da vida, ao mesmo tempo em que a crise econômica se agravava, o desemprego aumentava e as condições de trabalho se deterioravam (BRUM, 2019).

O tema do adoecimento tanto físico quanto mental é recorrente e serve de articulador argumentativo/persuasivo em sintonia com o título. A análise dos recursos expressivos explorados na materialidade verbal reforça a argumentação dos relatos e dos dados informativos, discutidos a seguir.

4. ANÁLISE DO ESTILO DO ARTIGO

A consistência dos argumentos apresentados a partir dos depoimentos de autoridades como os profissionais que tratam da saúde mental e física da população, depoimentos de profissionais que são afetados pela discriminação de gêneros, acrescidos de dados concretos revelados por pesquisas dão consistência argumentativa ao enunciado. Os fatos mencionados relativos a ações governamentais que não trazem benefício ao país, mas expõem a população a situações violentas, é enfatizada pelo tom que se evidencia no relato. Portanto, o tema central sugerido no título, mencionado na descrição do médico e retomado pela enunciadora, serve de articulação coerente em todo o artigo. As imagens e os adjetivos referentes a esse tema são reiterados ao longo do texto: “doentes de Brasil” e “morrer de Brasil”.

No trecho a seguir, a autora se manifesta de modo incisivo, com seu próprio depoimento: “Entrei agora na Internet e vi que a reforma da previdência corre para ser aprovada sem sustos. O povo, adoecido de Brasil, permanece inerte. Vai trabalhar sem direito a aposentadoria até morrer de Brasil”. Assim, o sintoma doentio está integrado metonimicamente ao país.

De forma semelhante, o recurso figurativo das imagens potencializa a força argumentativa e o tom adotado na constituição dessas imagens expressa o posicionamento valorativo da autora.

A recorrência a hipérboles como as que expressam a multidão silenciosa de descontentes, evidenciadas no trecho: “Há milhares, talvez milhões de pequenos gestos de conformação acontecendo neste exato momento no Brasil. Em silêncio. Pequenos movimentos de autocensura, ausências nem sempre percebidas”; ou ainda “Bolsonaro administra o horror dos dias, com suas violências e mentiras, de um modo que o torna onipresente. Faça o teste: quantas horas você consegue ficar sem pensar em Bolsonaro, sem citar uma bestialidade de Bolsonaro?”

De forma semelhante, os termos referentes à figura do presidente reforçam a ideia de uma figura animalésca: “bestialidade”, “mostrar os dentes”, “perverso” que criam a imagem de um ser desprovido de humanidade.

O recurso em destacar comparações para evidenciar as diferenças entre o presidente do Brasil e de outros países acentua a natureza mentirosa e violenta do chefe da nação, distanciando-o do seu papel de protetor da população a que preside. Como pontua: “A verdade, para Bolsonaro, é a que ele quer que seja.”

Além disso, o caráter autoritário do governo impede ações de resistência nas atitudes cotidianas, paralisando o povo pelo medo:

O que a experiência autoritária do bolsonarismo tem demonstrado é o quanto pode ser difícil resistir (também) à violência do cotidiano, aquela que se infiltra nos dias, nos pequenos gestos, na paralisia que vira um modo de ser, nas covardias que deixamos de questionar (BRUM, 2019).

Os argumentos que enfatizam a precariedade das condições sociais dos trabalhadores especificadas pelas expressões como “jornada excessiva”, “acúmulo de funções”, “metas impossíveis de cumprir”, “insegurança extrema”, revelam o esgotamento pelo trabalho excessivo e sem esperança.

Além disso, as expressões dos entrevistados entre elas: “tinham um trabalho de merda”; tinham “medo de perder o ‘trabalho de merda’, como testemunharam acontecer com vários colegas são reiteradas no discurso, de modo a torná-las mais enfáticas e significativas.

A comparação com outros presidentes também autoritários como o do Reino Unido e dos Estados Unidos estabelece a distância em relação ao presidente brasileiro por conta das instituições democráticas:

Boris Johnson não chega a ser um Donald Trump. E nem Donald Trump chega a ser um Jair Bolsonaro. Mas a diferença maior está na qualidade da democracia. Tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido, as instituições têm conseguido exercer o seu papel. No Brasil, não chega a ser perda total – ou não bastou (ainda) “um cabo e um soldado” para fechar o STF, como sugeriu o futuro possível embaixador do país nos Estados Unidos, Eduardo Bolsonaro, o garoto zero três (BRUM, 2019).

Além disso, o emprego de perguntas retóricas também é um recurso explorado no artigo. A sequência de questionamentos, “Como enfrentar o horror? Como barrar o adoecimento provocado pela destruição da palavra como mediadora? Como resistir a um cotidiano em que a verdade é destruída dia após dia pela figura máxima do poder republicano?” tem como objetivo provocar respostas do leitor, congregando-o à adesão.

De forma semelhante, as citações de autoridades entrevistadas representam o distanciamento necessário da repórter para consolidar sua argumentação, pelo recurso das aspas para dar confiabilidade a suas informações. Segundo Compagnon (2007, p.52), “as aspas designam uma re-enunciação, ou uma renúncia a um direito de autor. Elas operam uma sutil divisão entre sujeitos e assinalam o lugar em que a silhueta do sujeito da citação se mostra em retirada, como uma sombra.”

Entretanto, elas são exploradas neste texto pela retomada de termos das citações dos especialistas convocados no enunciado. Vários termos são reacentuados como o termo doente e derivados na voz da jornalista. Seguindo ainda a afirmação de Compagnon (2007), a citação é um trabalho ativo que, articulado ao texto pelo autor, compõe o significado enunciativo. No caso do artigo de Brum, esse processo é trabalhado pela autora que retoma termos citados pelos entrevistados e os incorpora em suas próprias reflexões, como é o termo “doente de Brasil” e seus derivados que representam a unidade temática do artigo. Elas compõem o processo argumentativo da autora e expressam seu tom valorativo. Além desse termo articulador, outras citações são retomadas no texto aumentando sua potência argumentativa, entre eles “tóxico”, “trabalho de merda”. A partir dos depoimentos de entrevistados, Brum argumenta de modo consistente a respeito da situação dramática que a população brasileira enfrenta, sintetizando esse conjunto de declarações em sua própria voz. Por esse meio, os depoimentos comprobatórios endossados pela articulista tornam-se argumentos consistentes porque ancorados em observações de especialistas na área de saúde, profissionais que tratam com artistas, dados concretos a respeito do meio ambiente. São informações importantes que sustentam a argumentação e o posicionamento ético da jornalista. Ao expor as condições dramáticas da população diante de tantos atos irracionais tomados pelo chefe da nação, usando de uma linguagem figurativa contundente, o tom da autora expressa a violência e o sofrimento que afetam a população. Sob esse aspecto, a entonação autoral deste artigo é mais incisiva e

representa a resposta indignada da jornalista diante das ações do governo que corrói a segurança e destrói a tranquilidade da população.

CONCLUSÃO

Os recursos expressivos explorados por Brum marcam seu tom valorativo e seu estilo, o que é enfatizado por termos mais taxativos e mais violentos, demonstrando seu posicionamento axiológico diante da situação catastrófica vivenciada pela população brasileira nos primeiros meses do governo de Bolsonaro. Em sua argumentação, o projeto governamental afeta o equilíbrio da população diante da proposta de reformas econômicas, eliminando direitos adquiridos que debilitam ainda mais a capacidade de sobrevivência dos assalariados. Diante desse descontrole vivenciado no contexto social brasileiro, a autora se manifesta como um ser responsável profissionalmente e respondente, manifestando seu posicionamento crítico num meio de comunicação internacional.

Os argumentos agenciados na composição deste artigo são de grande impacto persuasivo não apenas pelos argumentos consistentes, mas também pela linguagem, pelo tom expressivo de indignação diante do descontrole institucional que deixa a população à deriva. Desse modo, o tom deste artigo difere das reportagens relativas a histórias de vida de seres marginalizados e desamparados pelo sistema.

Assim, acompanhando a perspectiva bakhtiniana de sujeito, a dualidade constitutiva da linguagem também está representada na concepção de sujeito: um lado estável constitutivo e o outro refletido e refratado pelo momento sócio-histórico, pelo destinatário presumido e pela proposta comunicativa. Nessa perspectiva, a autora demonstra essa peculiaridade em seus enunciados caracterizados pelo tom valorativo adequado ao momento de produção, demonstrando sua versatilidade estilística.

Eliane Brum deixa entrever sua responsabilidade ético/estética como jornalista num contexto dramático vivenciado pela população impossibilitada de superar a crise que torna o país inviável: doente, sem recursos e sem projetos para minimizar a tragédia.

Portanto, o estilo de Brum neste artigo jornalístico difere do tom de outras reportagens em função das necessidades comunicativas emergentes de uma situação ameaçadora, ao

contrário da empatia e da proximidade com as personagens retratadas em outras reportagens. Neste artigo, a jornalista se posiciona de forma impositiva contra a imagem de um dirigente que abandona a população à própria sorte. Em sua indignação, a jornalista conclama a população no trecho final de seu artigo: “Precisamos recuperar a palavra como mediadora em todos os cantos onde houver gente. E fazer isso coletivamente, conjugando o nós, reamarrando os laços para fazer comunidade. O único jeito de lutar pelo comum é criando o comum – em comum.”

Concluindo, neste artigo a jornalista, como defensora da população, assume seu papel de sujeito responsivo e responsável, deixando manifestar-se em seu estilo sua visão ética/estética, confirmando as palavras de Sobral, “O ato ‘responsável’ envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato.” (2009, p. 124). Essa é a imagem representada de Brum neste artigo, uma articulista que se expressa em função de seu papel de jornalista compromissada com a situação social, responsável e respondente usando de seus recursos expressivos como argumentação persuasiva.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiano Komesu, Sírio Possenti, São Paulo: Contexto, 2005, p.119-136.
- ANSCOMBRE, J. C. e DUCROT, O. **L’argumentation dans la langue**. Liège/Bruxelas: Pierre Mardaga, 1988.
- BAJTIN, M. M. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores : y otros escritos (Trad. del ruso Tatiana Bubnova) Rubí (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.
- BAKHTIN, M. M. **O gênero do discurso**. Trad. Paulo Bezerra, 4ª ed. São Paulo: 34, 2016.
- BRUM, E. **Coluna Prestes**: o avesso da lenda, Artes & Ofícios, 1994.
- BRUM, E. **No olho da rua**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2000.
- BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, E. Doente de Brasil, in **El País**. 01 de ago. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html acesso em 17/06/2021.



COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. 1ª reimpressão, Trad. Cleonice P. B. Mourão, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DUMER, P. F. “Doente de Brasil”: uma análise tilliciana da situação atual do Brasil. In, *Revista Eletrônica Correlatio* v. 18, n. 2 - Dezembro de 2019, p.89-107.

FIORIN, J. L. Argumentação e discurso. In **Bakhtiniana**, São Paulo, Número 9 (1): 53-70, Jan./Jul. 2014.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiano Komesu, Sírio Possenti, São Paulo: Contexto, 2005, p.69-90.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

SOBRAL, A. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito, In **BIOETHIKOSTICOS** – Centro Universitário São Camilo – 2009, 3(1), p. 121-126.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Tradução, notas e glossário, Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo); (Ensaio introdutório, Sheila Grillo) São Paulo: Editora 34, 2017.

Miriam Bauab PUZZO

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1967), graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997), doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2004) e pós-doutorado em Lingüística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professora aposentada da graduação na Universidade de Taubaté, Atualmente é professora visitante vinculada ao Programa de Mestrado em Lingüística Aplicada da Universidade de Taubaté. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: lingüística, literatura brasileira, jornalismo e publicidade.

Recebido em 08/maio/2022 - Aceito em 06/julho/2022.